

Espiritualidade Luterana Hoje

Friedrich Gierus

Na 5ª Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, em Nairobi (1975), formulou-se uma mensagem aos cristãos do mundo, na qual se encontra a seguinte frase: "Nós almejamos uma nova espiritualidade que penetra o nosso planejar, pensar e agir". (1) Desde então a palavra "espiritualidade" vem enriquecendo a palestra dos artigos e livros com o tema espiritualidade, como sendo uma novidade, um tema atual (2).

O que, de fato, a mensagem de Nairobi queria reivindicar, falando de uma "nova espiritualidade"? Uma dinâmica de fé diferente? Uma vivência de fé que sai das estruturas tradicionais da Igreja? Ou uma completa renovação espiritual que surta efeitos na vida do dia-a-dia?

O desejo por uma "nova espiritualidade" nos faz concluir que a "antiga espiritualidade" ou a atualmente praticada não diz respeito ao mundo de hoje, nem satisfaz ou atende às necessidades do homem moderno; seja porque o mundo mudou, de maneira que os conteúdos e formas da fé não encontram mais o homem em seu ambiente, seja por que o processo da secularização esvaziou a espiritualidade de uma forma tal que a prática da fé se apresenta como mera estrutura que embeleza a vida em determinadas horas ou representa apenas um meio para expressar solidariedade em horas difíceis e para estimular sentimentos. Hoje esta espiritualidade esvaziada está sendo usado como veículo, por excelência, por ideologias, seja de direita (Segurança Nacional que sustenta "em defesa dos valores da tradição cristã" uma estrutura de opressão e de exploração), seja de esquerda (Socialismo que elimina Deus como sujeito da história).

(1) Evangelische Kirche in Deutschland (ed.), *Evangelische Spiritualität. Überlegungen zur Neuorientierung* (Gütersloh 1979), pág. 9

(2) Hermann Brandt, *Espiritualidade. Um tema atual* (São Leopoldo 1978); Manfred Seitz, *Praxis des Glaubens. Gottesdienst, Seelsorge und Spiritualität* (Göttingen 1978); Veja o título citado na nota 1; Gerhard Wehr, *Die Veränderung beginnt innen. Gestalten und Dimensionen christlicher Spiritualität* (1977).

A ansiedade por uma nova espiritualidade sabe de um "paraíso perdido", sabe da dimensão da fé que dá conteúdo e sentido à vida. Esta ansiedade sabe de uma dimensão que também num mundo diferente, mais complicado, mais difícil e por isso, muitas vezes, tão confuso, abre portas e dá uma perspectiva para um nova autodeterminação, para uma nova esperança, para uma nova vida no pleno sentido da palavra de Cristo: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10.10). Mas a questão é: Como chegar lá?

Com estas ponderações estamos chegando ao cerne do nosso tema – Espiritualidade Luterana Hoje –, um tema que, como tal, esconde uma série de perguntas, a saber: Quais são as características da espiritualidade luterana? Onde encontramos essa espiritualidade e como ela se manifesta em nossa Igreja hoje? A espiritualidade, descoberta e vivida pelos homens da reforma, hoje ainda tem atualidade? Em caso afirmativo, como interpretá-la para o homem do século 20, de maneira que represente a "nova espiritualidade que penetra o nosso planejar, pensar e agir"?

I. ESPIRITUALIDADE A PARTIR DA DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO

Falando em espiritualidade luterana, só podemos fazê-lo a partir do *articulus stantis et cadentis ecclesiae*, a partir da justificação *sola fide*. De acordo com Lutero não pode haver espiritualidade, nem fé, nem esperança, nem Igreja sem aceitação e vivência desse artigo. Ele mesmo formula: "Não se pode tomar distância ou ceder no que se refere a esse artigo, ainda que caiam céus e terra . . . Sobre esse artigo repousa tudo quanto . . . vivemos e ensinamos. Por isso, devemos estar bem convictos e não duvidar. Senão, tudo estará perdido" (3).

A formulação clássica da doutrina da justificação encontramos no artigo IV da Confessio Augustana:

"Ensinam também que os homens não podem ser justificados diante de Deus por forças, méritos ou obras próprias, senão que são justificados gratuitamente, por causa de Cristo, mediante a fé, quando crêem que são recebidos na graça e que seus pecados são

(3) Citado por Erwin Iserloh e Harding Meyer, *Lutero e Luteranismo Hoje* (Petrópolis 1969), pág.

remitidos por causa de Cristo, o qual através de sua morte fez satisfação pelos nossos pecados . . .”

Sabemos que o autor dessa formulação é Felipe Melancthon. Lutero, referindo-se a este artigo, formula assim: “Eis o artigo, da fé, que as crianças oram: creio em Jesus Cristo, crucificado, morto etc. Ninguém morreu por nossos pecados, além de Jesus Cristo, filho de Deus. Somente Jesus, filho de Deus – repito: somente Jesus, filho de Deus – redimiu-nos dos pecados. Isso é certamente verdade, pois toda a Escritura o diz. Se é somente ele quem tira o pecado, não podemos sê-lo nós, com nossas obras. Nesse caso, é impossível compreender e alcançar esse único e exclusivo redentor, Jesus, de outra maneira que não seja pela fé. Através de obras, ele é e permanece incompreensível. Como só a fé, antes de se seguirem as obras, compreende esse redentor, tem de ser verdade que somente a fé recebe essa redenção, antes das obras e sem elas. Somente isso significa o ser justificado . . . Essa é nossa doutrina e assim ensina o Espírito Santo e toda a santa Cristandade. Nisso permanecemos, em nome de Deus. Amém” (4).

O conteúdo desse artigo, dessa mensagem foi promulgado (aliás mensagem se promulgava praticamente sozinha) como a descoberta que desmoronou o então sistema de exploração espiritual, emocional e, por que não, material, dos fiéis pela própria Igreja e sacudiu os seus fundamentos. O negócio com as indulgências, em cima do medo que por sua vez foi alimentado por uma teologia legalista, recebeu um golpe fatal e se abriram as portas para uma nova espiritualidade. Lutero vivera essa descoberta assim:

“Senti-me completamente renascido. Os portais se tinham aberto diante de mim: Entrara no paraíso” (5). E como Lutero centenas de milhares de fiéis fizeram a mesma experiência.

O que hoje e agora nos interessa é, se o homem do século 20 tem acesso a essa descoberta, digamos, a essa estrutura de pensamentos.

A IV Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial em Helsinki, no ano de 1963, se ocupou principalmente com a mensagem da justificação pela fé, com a intenção de redescobri-la e interpretá-la compreensivelmente para o homem moderno. De acordo com manifestações de participantes dessa assembléia, não se conseguiu reformular o conteúdo da mensagem da justificação de

(4) Citado segundo Erwin Iserloh e Harding Meyer, op.cit., pág. 47.

(5) Idem, pág. 50.

maneira satisfatória (6). O documento final não recebeu o apoio dos delegados dessa assembléia. Apenas tomou-se conhecimento do documento final, sem, no entanto, aprová-lo.

Parece-me que o artigo da justificação é como uma máquina bem guardada no museu: Gerações passaram, limpando-a, lubrificando-a, enfim, conservando-a com muito amor e dedicação. Todos falam com respeito desse produto da mente humana dos séculos passados, mas na hora em que alguém pergunta, como ela funciona, todo mundo fica sem jeito porque ninguém conhece o mecanismo dela.

A mensagem da justificação terá sempre um mero aspecto da verdade objetiva doutrinária, e será sempre impessoal e, por isso, irrelevante para o homem de hoje, na medida em que a realidade do pecado não é mais vista como problema existencial, mas sim, como uma série de falhas morais. E essas falhas não necessitam de um perdão por parte de uma instância divina. No mundo em que a capacidade de produzir é critério para medir a qualidade humana, falhas morais são delitos de cavalheiro que não merecem maior atenção ou, simplesmente são ignoradas. Porém, insuficiência qualitativa e quantitativa na produção provocada por desinteresse, ignorância ou doença, esta sim, é pecado mortal. Você perde o respeito, perde a reputação, está sendo colocado de lado e se torna um fracasso a partir de sua improdutividade.

A pergunta existencial de Lutero foi: "Como posso ter um Deus misericordioso?" A pergunta existencial do homem do século 20 é: Como posso ter sucesso na vida? E a mola propulsora é o medo do fracasso, é o medo de ser rejeitado, é o medo de ser ignorado. O maior sofrimento da pessoa humana se manifesta lá onde ela é marginalizada, abandonada e desprezada. Nesta situação, o homem carece de valores fundamentais que Deus colocou nele: A capacidade e a necessidade de se comunicar, de ser reconhecido, aceito e valorizado. Deus criou homem e mulher, dois seres que somente podem viver a partir e em função da comunhão entre si!

Diariamente enfrento esta realidade no meu trabalho na capelania hospitalar: Pessoas desequilibradas, perturbadas, solitárias, abandonadas e desesperadas, vítimas do sistema do sucesso a partir do critério da produtividade. Os muitos casos de suicídio, a dependência de drogas e de álcool, todo tipo de histeria e de

(6) Harm Alpers, Helsinki 1963: Ansätze und Probleme zur Neubesinnung auf die Rechtfertigungsbotschaft, em: *Estudos Teológicos* 7, 1967, pág. 131ss.

doenças psicossomáticas quase sempre são efeitos da falta de amor e da falta de compreensão, da privação de carinho e do perdão, é efeito do desrespeito pela dignidade da pessoa humana.

Transmitir a estas pessoas que elas não são totalmente abandonadas, que há uma esperança, que há uma luz, por mais escura que se apresente a vida, fazer ver a posição da fé que se agarra a Deus: "Ainda que a minha carne e o meu coração desfalecem, Deus é a fortaleza do meu coração" (Sl 73.26) — é anunciar a justificação pela fé. Mostrar que a solidão completa e o abandono por parte dos entes mais queridos não é o fim ainda, porque aquele que sofreu o abandono total da cruz, disse como ressurreto: "Eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século" (Mt 28.20) e: "No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16.33). A fé responde: "Se meu pai e minha mãe me desampararem o Senhor me acolherá" (Sl 27.10). Esta é a posição daquele que vive da justificação. Ele sabe da sua insuficiência, de sua limitação e se abre para a graça de Deus. A vida do homem justificado é como um livro com folhas em branco. Cada dia que inicia, ele pode ter a chance de abrir uma nova página, escrevendo a sua vida. Na medida em que ele busca o perdão em oração, individualmente ou no oculto, recebe essa permissão. As pessoas, que desprezam esta possibilidade da confissão e do perdão, continuam escrevendo na mesma página. Sabemos que ninguém poderá decifrar o que foi escrito durante semanas, meses ou anos, sempre sobre as mesmas linhas e na mesma página. Uma tal vida somente pode ser confusa, desorientada e sem sentido.

Nós precisamos para o nosso bem-estar pessoal chances do reinício. Precisamos ouvir acusticamente que Deus nos quer bem. Observei que muitos, senão a maioria dos cônjuges fazem questão de ouvir sempre de novo do seu consorte que ele a, respectivamente ela o ama. Assim como uma ofensa com palavras pode destruir completamente o nosso equilíbrio emocional e derrubar-nos, palavras de perdão, de aceitação, de amor podem provocar um sentimento de felicidade tão profundo que não há comparação. O anúncio do perdão é a declaração de Deus de que ele nos aceita, que nos ama. É isto que nos valoriza, liberta e nos coloca no caminho para a vida. É isto que precisamos ouvir sempre de novo. Vamos um passo adiante:

II. ESPIRITUALIDADE LUTERANA A PARTIR DO CULTO E DOS SACRAMENTOS

Lutero disse certa vez: "Devemos orar como se todo trabalho fosse inútil. E devemos trabalhar como se toda oração fosse inútil"

(7). Esta colocação nos mostra o quanto Lutero considerava a oração. Observando bem, se a prática de oração é uma realidade na vida dos nossos membros, devemos admitir que esta dimensão da fé não recebe o mesmo valor que Lutero lhe deu. Existe uma tremenda dificuldade na formulação de orações livres *hic et nunc*. A praxis da oração pré-formulada é mais conhecida. Sem dúvida, na hora em que nem temos a força para formular algo que reflete a nossa ansiedade, uma oração pré-formulada nos pode ser uma grande ajuda. Isto, porém, de maneira alguma pode substituir a oração livre. A prática da oração individual leva à reflexão. A reflexão conduz à análise dos acontecimentos do dia-a-dia, do mundo que me cerca e da própria vida à luz do Evangelho. E as decisões da vida são tomadas e montadas na oficina da oração. Para a oração diária precisamos de tempo e silêncio. Devemos fazer o impossível para achar este tempo, senão a nossa vida fica unilateral e perdemos a dimensão espiritual. Oração e ação, meditação e atividade devem receber proporcionalmente o seu lugar em nossa vida. Onde isto não acontece sofremos distorções.

Acima dissemos que o homem é um ser que se realiza a partir da comunhão e, portanto, vive em função dessa comunhão. A vida de fé individual e a vivência da fé em comunhão não se excluem. Ao contrário, são fatores que se complementam e que emanam um fluxo de reciprocidade.

Em grupos de trabalho, nos encontros de reflexão, nos círculos de oração, que, ao meu ver, não recebem o seu devido valor em nossa Igreja, — expressamos essa comunhão onde compartilhamos as nossas experiências individuais para o crescimento de todos.

O culto tem um destaque especial devido a três fatores: É lá que celebramos os sacramentos da Santa Ceia e do Batismo, praticamos a Liturgia e nos colocamos sob a orientação da Palavra de Deus. No Batismo, na Santa Ceia como na liturgia temos a oportunidade de ouvir acusticamente e sentir fisicamente (isto é muito importante para a nossa estrutura psíquica e emocional!) que Deus nos ama, que ele nos perdoa, que ele nos dá a possibilidade do reinício, baseado naquilo que Cristo fez por nós. Lá também temos sempre de novo a possibilidade, além da confissão individual fora do culto, de botar fora, em forma litúrgica, o que sufoca a nossa alma. Lá acontece *justificatio impii*. Eu vivendo diariamente, na clínica pastoral, como é essencial para o homem que sofre ouvir e sentir a mensagem: Deus te ama. Deus te aceita. Tu não foste abandonado.

Em determinadas situações faço questão de formular inclusive o nome da pessoa para assim mostrar que a justificação é algo muito pessoal entre Deus e o respectivo homem. De outra forma não consigo interpretar a palavra de Is. 43.1: "Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu".

Infelizmente ainda não se vê em muitas comunidades da nossa Igreja o valor da Liturgia e da Santa Ceia. O Batismo muitas vezes tem mais caráter de um ato de iniciação do que de um ato de graça, onde Deus se volta incondicionalmente a um ser humano que por si só é apenas capaz de receber. Aliás, não posso entender como pastores da IECLB, de acordo com as informações que tenho, se negam batizar seus filhos na infância, e isto com o silêncio tolerante da direção da nossa Igreja. A base confessional da IECLB, entre outros é a Confessio Augustana de acordo com o Artigo 2º da nossa Constituição. No Artigo 9º a CA diz: "Do batismo ensinam que é necessário para a salvação, que pelo batismo é oferecida a graça de Deus, e que devem ser batizadas as crianças, as quais, oferecidas a Deus pelo batismo, são recebidas na graça de Deus. Condenam os anabatistas, que desaprovam o batismo infantil e afirmam que as crianças são salvas sem o batismo".

Voltando para a Liturgia: Há uma tendência de substituir cultos por outras formas de encontros para sair de um tradicionalismo sufocante. Admito que se deve achar outras formas, mas o conteúdo da liturgia, de maneira alguma pode ser suprimido. Liturgia é uma questão de adoração e da teologia da justificação. Suprimindo-a, eliminamos espiritualidade luterana. Com esta observação chegamos a um outro ponto que a partir da espiritualidade luterana me preocupa: A desvalorização da confissão. Estou falando da confissão individual. Na clínica pastoral estamos sendo procurados por pessoas em busca de conselhos, para ter a possibilidade de descarregar, para obter o anúncio do perdão. O bate-papo pode ser uma grande ajuda e a oração em conjunto, que finaliza este diálogo, caracteriza a estrutura espiritual do diálogo. Acho, porém, que devemos ter a liberdade de ir um passo mais longe. Onde sentimos que o membro procura o perdão, coloquemos isto dentro de um rito, de uma liturgia. Tenhamos a coragem para isso, porque está sendo valorizado e aceito. A "desritificação" dos nossos atos religiosos deixa fria a nossa espiritualidade.

Lutero, a partir de sua experiência da justificação pela fé, insistiu na necessidade da confissão individual. Quero fazer, nesta altura, minhas as palavras de Martin Dreher: "Até o fim de sua vida Lutero continuou com o hábito de confessar-se regularmente. Ele não eliminou os confessionários das igrejas evangélicas e designava

simplesmente de 'porco' a todo aquele que não ia mais ao confessionário. Frei Martin, tendo descoberto o perdão dos pecados como dádiva graciosa, sabia que mesmo vivendo na graça da fé o cristão permanece preso ao pecado, necessitando, por isso, continuamente do perdão. Refletindo Reforma hoje, temos que lamentar o estrangulamento vergonhoso a que estão submetidos a confissão e o anúncio do perdão dos pecados em muitos cultos evangélico-luteranos, principalmente quando nos lembramos da menção que Lutero faz do 'porco'. O pecado e o seu perdão quase não são mais concretos em nossos cultos. O berço da Reforma, o confessionário, justamente ele, se atrofiou na Igreja Luterana!" (8).

III. ESPIRITUALIDADE LUTERANA HOJE, A PARTIR DA DOUTRINA DOS DOIS REINOS

Não vou desenvolver aqui uma explanação detalhada sobre o conceito dos dois reinos. Apresento apenas uma descrição compacta dessa doutrina feita por Marie Veit (9). Partindo da colocação de Lutero de que o cristão é simul justus et peccator, ele se encontra, também, também, em dois reinos: No Reino de Cristo e no reino do mundo. "No Reino de Deus imperam apenas a graça e o amor. Quem vive nesse reino não quer mais outra coisa, senão relacionar-se com seu próximo dentro do mesmo espírito. Isto é, ele quer viver assim como consta no Sermão do Monte. O que é que lemos ali? 'Amai os vossos inimigos, fazei o bem àqueles que vos ofendem e perseguem' . . . Para o cristão, que recebeu o consolo do Evangelho, . . . isto não é lei, mas expressão daquilo que ele próprio mais gostaria de fazer. Quem vive no Reino de Cristo não precisa da lei.

Mas o cristão não vive só nesse reino; ainda não. Ele vive simultaneamente no 'reino do mundo', e lá a coisa é diferente. Lá não vale o perdão, mas a represália; quem infringe uma lei é castigado. E, segundo Lutero, isso tem que ser assim, porque o mundo não é constituído apenas por verdadeiros cristãos. O mal passaria a dominar, caso não fosse coibido com rigor. No escrito 'Da autoridade secular - a obediência que lhe é devida', de 1523, Lutero ilustra esse seu pensamento num exemplo drástico: Se um

(8) Martin N. Dreher, Reforma luterana hoje. Traduzindo as intenções do reformador para os nossos dias, em: Walter Altmann et alii, *Reflexões em torno de Lutero* (São Leopoldo 1981), pág. 114.

(9) Marie Veit, Uma visão crítica da ética luterana, em: *Estudos Teológicos* 19, 1979, pag. 134ss.

pastor colocasse lobos e ovelhas num cercado e os admoestasse a viverem em paz, as ovelhas obedeceriam, mas não viveriam por muito tempo. Para a proteção é, por isso, importante que exista o caçador, que, com sua espingarda, mantém os lobos à distância.

A realidade do mal no mundo torna necessário que no reino do mundo se o enfrente com violência. Sob violência, evidentemente não se entende aqui o terror, nem um procedimento tirânico arbitrário. Lutero pensa, isso sim, na violência legítima da autoridade. O imperador tem a incumbência de exercê-la, assim como qualquer outro, no âmbito em que exerce sua autoridade; o juiz, a polícia, o verdugo são mencionados neste sentido, mas também o pai de família que deve zelar pela ordem em sua casa. O sentido dessa violência da autoridade é o de restringir o mal, de preservar o mundo, apesar da existência do mal, contra o caos, e mantê-lo até o dia do juízo final . . .

Existe, um momento . . . em que o mal tem um fim, e então cessa também a autoridade, o rigor, a violência. Então, só resta o Reino de Cristo, em eternidade.

Para a compreensão da construção geral é importante manter em vista que Deus é o Senhor sobre ambos os reinos, embora de maneiras diferentes. No Reino de Cristo ele reina sem limites; a pregação do Evangelho permite que o cristão veja o coração de Deus; aqui Deus opera sua 'obra própria'. No reino do mundo, porém, Deus exerce o que lhe é uma 'obra estranha' (opus alienum), esconde sua graça sob o rigor da violência da autoridade, ele se envolve, se 'encarapuça' dentro dela.

REINO DO IMPERADOR

Lei
Violência, rigor
"autoridade"
razão
provisório
o mal é reprimido
preservação

Deus rege encoberto

REINO DE CRISTO

Evangelho
Graça, perdão
"coração"
Sermão do Monte
eterno
o mal desaparece
nova criação

Deus rege a descoberto

Esta situação de Deus corresponde a situação do cristão: Ele vive simultaneamente em ambos os reinos . . . Ele precisa distinguir bem em qual dos reinos se encontra, quando age. Encontrando-se num cargo, numa função, ele não pode orientar-se pelo Sermão do Monte, não pode fazer o que mais gostaria, ou seja, perdoar, ser bondoso, ter consideração. Agindo como pessoa privada, pode fazê-lo. Se, por exemplo, for roubado algo do juiz, este pode perdoar o ladrão e dar-lhe, além do casaco roubado, também o sobretudo.

Se porém, no exercício de sua função lhe for apresentado um ladrão, tem que enforcá-lo. 'Veja como tudo combina bem', escreve Lutero. E, no entanto, . . . restam grandes problemas . . . O que acontece se a própria autoridade for 'má'? A limitação do maligno pelo poder da autoridade acontece de 'cima' para 'baixo'. O que acontece, então, se aqueles que estão investidos de autoridade não se orientam pela lei nem pela razão, mas agirem arbitrariamente, se eles mesmos causarem danos em vez de evitá-los?" (10).

" . . . Lutero não esquece tal ameaça. Parece-lhe, contudo, que a única instância controladora seja a pregação pública. No referente a isso suas declarações nada deixam a desejar, em matéria de clareza e decisão. Diante de detentores irresponsáveis do poder, que abusam de suas prerrogativas, 'o pregador deve ter dentes na boca, morder e salgar, dizendo-lhes a verdade'. Para Lutero, isso não representa 'revolta'. Pelo contrário, seria 'muito mais revoltoso, se o pregador não condenasse os erros da autoridade; pois, com isso, torna o povo furioso e irritado, fortalece a maldade dos tiranos e torna-se igualmente culpado' " (11).

A direção da nossa Igreja, em sua nota oficial de 17 de maio de 1982, publicada por ocasião da prisão dos obreiros em Rondônia, pela primeira vez, chega a formular de forma bem clara o que ela espera dos seus pastores neste contexto: . . . serem agentes da não-violência ativa! Isto é uma colocação que espelha a opinião de Lutero e se enquadra na concepção autêntica da espiritualidade luterana. Fica, no entanto, a pergunta: Até que ponto é exigido mais, vamos dizer, em termos de engajamento pessoal? A posição de Dietrich Bonhöffer seria um passo adiante. Ele, uma vez, formula assim: ". . . quando um maluco dispara pela rua de carro, de um lado para o outro, atropelando gente, eu como pastor, não posso apenas enterrar vítimas e consolar os enlutados, mas preciso arrancar-lhe o volante das mãos" (12). Poderíamos chamar isso "não-violência"? Devemos perguntar sériamente em que a direção da IECLB pensou, ao solicitar de seus pastores que fossem "agentes da não-violência ativa"? Aliás, onde ficam os nossos membros neste contexto?

Germano Burger compilou um livro intitulado "Quem assume esta tarefa?, no qual é publicada uma pesquisa, realizada no Distrito Eclesiástico Uruguai. No último item é solicitado o seguinte: Enumere os problemas que mais o preocupam, por ordem de importância.

(10) Idem, pág. 139ss.

(11) Erwin Iserloh e Harding Meyer, *Lutero e Luteranismo hoje*, pág. 81.

(12) Citado em: Marie Veit, op. cit., pág. 141.

Os assuntos e a enumeração são os seguintes: 1 = família; 2 = agricultura; 3 = fé; 4 = pobreza, dinheiro; 5 = oração; 6 = amor; 7 = guerras; 8 = desenvolvimento; 9 = fome; 10 = higiene; 11 = vícios, comércio; 12 = emprego; 13 = casamento; 14 = sexo; = 15 = superstição; 16 = política, ressurreição; 17 = arte (13).

É muito perigoso chegar a conclusões finais a partir desse tipo de pesquisa, mas é abalador que a política e, ao lado dela, a ressurreição (fator escatológico!) quase não tem importância, respectivamente quase não preocupam e, portanto, não tem relevância para a vida do dia-a-dia. Os membros de nossa Igreja, no que toca à política, na maioria, preferem a posição do "não me comprometa". E quantos pastores ficam na mesma linha? Lutero só permitiu aos pastores na pregação pública, criticar as aberrações das autoridades, por outro lado defende o sacerdócio geral de todos os crentes. Onde estão os membros conscientes na política? Evidencia-se que Lutero era filho da sua época. Ainda que sua posição política seja questionável, Lutero desencadeou com sua espiritualidade a transformação não só do seu mundo, mas influenciou a história posterior até os nossos dias. Os reformadores descobriram que o autor da nossa salvação e o sujeito, o senhor da história não é o homem, não somos nós. Somos apenas instrumentos nas mãos de Deus, libertados pela graça e enviados ao mundo, como ele se apresenta hoje, com a missão de anunciar em palavras e ação colocando sinais! — o Reino de Deus. Diante dos desafios, as constelações e estruturas que enfrentamos hoje, sabemos das nossas próprias limitações e sabemos da falta de fé e só podemos assumir diariamente a nossa incumbência, de ser luz do mundo e sal da terra, com aquela atitude que espelha a oração de Friedrich Christoph Oettinger:

"Senhor, dá-me a força para mudar o que deve ser mudado.

Dá-me a paciência para aceitar o que não pode ser mudado.

Dá-me a sabedoria para discernir entre ambas as coisas"

E parece-me que o dom do discernimento (I Cor. 12,10) é o que mais precisamos hoje, especialmente numa época em que a preocupação da 'Unidade na Pluralidade' está na pauta de prioridades da IECLB.

(13) Germano Burger (ed.), *Quem assume esta tarefa? Um documentário de uma Igreja em busca de sua identidade* (São Leopoldo 1977), pág. 119.